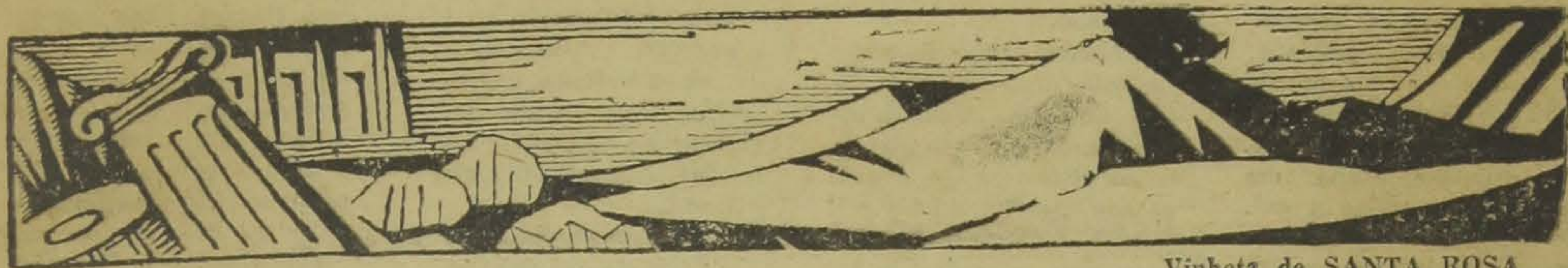


# Correio das Artes

Ano II Número 51 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 19-11-1950



Vinheta de SANTA ROSA

## AUGUSTO DOS ANJOS UM MARTIR DA INTELIGENCIA

J. FLÓSCOLO DA NÓBREGA

**T**EM-SE, geralmente, notado a ausência da nota afetiva na poesia de Augusto — fato estranho, num temperamento ultra-sensível, de sensibilidade à flor da pele, da estesia tão aguçada, que o fazia sentir a alma do cosmos nos seus dedos. Disso se tem concluído ser o poeta um refratário à afetividade, impermeável ao amor, o que constituiria um sinal regressivo em sua estrutura espiritual.

O que em verdade acontece é que o seu intenso cerebralismo recalcou o sentimento, acorrentando-o no subconsciente. A sua obsessão de tudo racionalizar, de viver pela inteligência, invadiu a esfera afetiva; as próprias emoções eram filtradas através do intelecto e surgem afinal intelectualizadas, resfriadas pelo esforço de logicização. Daí a feição toda cerebral de sua poesia, toda ela tematizada na ciência e na filosofia, toda empapada do espesso cientificismo dos Haeckel, Buchner e Spencer.

Esse cientificismo, porém, era apenas uma super-estrutura defensiva do espírito, isolando-o do choque brutal da realidade. Por traz dele, ocultava-se uma alma candida e tímida de criança, espiando a vida com olhos de espanto e desalento. Como um pássaro que o menor ruído assusta e põe em fuga, a vida forçava-o a refugiar-se dentro de si mesmo. A ciência, o

### (Trecho de uma conferencia na Academia Paraibana de Letras)

estudo, eram o seu refúgio contra a tirania das contingências. Refúgio precário e que não lhe deixava maiores ilusões:

«Para iludir a minha má-  
[gua, estudo.  
Intimamente sei que não  
[me iludo».

Como Nietzsche, como Antero, sabia que uma vida de puro pensamento é um desvio, uma aberração da natureza humana; e que esse pecado original, é expiado à custa de uma existência inteira de provações.

Nietzsche enloqueceu, Antero suicidou-se; suicídio

### DEPOIS DE TUDO

GENERINO DOS SANTOS

(Escrito em 19 de novembro de 1914, para ser lido no sétimo dia e em todos os aniversários da morte do poeta).

**CONSUMOU-SE** o histológico trabalho do verme... E já de ti só resta Augusto, calcarea ossada, a articular-se a custo: — seja... a antropologia de um Carvalho!

Mas... é tua extrema lágrima, hoje orvalho, que clorofila e irise um terno arbusto, como a primeira o "Tamarindo" adusto, que te prestou, na infancia, amplo agasalho?

Fulge na viva luz da errante estrela que te conduz pela imensidade, a eterna glória! — A tua inda é mais bela!

— Mais imortal, na sua idealidade; vive — humana — em nossa alma e si revela na subjectiva dôr de real Saudade!

e loucura são caminhos de libertação para aqueles sobre quem pesa a mão do destino. Há ainda um terceiro caminho, que poucos infelizmente descobrem — o caminho para Deus.

Morrendo muito moço, Augusto forrou-se à contingência da escolha. Os seus versos, porém, deixam claro que nele a tensão anímica chegava ao extremo, além do qual a alma afunda na voragem. A sua estrutura espiritual rebentava como aluída um terramoto:

«Ahriânico gênio destrutivo  
Desconjuntava minha auto-  
[noma alma,  
Eshandalhando essa unidade  
[calma,  
Que forma a coerência do  
[ser vivo».

Poemas como «Gemidos d'Arte», e «Queixas Noturnas», são gritos de desespero de quem se sente perdido no vácuo, arrastado como naufrago no turbilhão; lembram a agonia de Dostoiévski, de quem se disse que as próprias sombras tinham luminosidade.

Ao contrário, porém, do russo genial, Augusto não encontrou Deus em sua via sacra. Não se sente a presença do eterno em sua poesia; entretanto, a angústia que o devorava tinha raiz ontológica, era expressão da luta, que se feria nas sombras de sua alma, entre Deus e o demônio, entre a intuição e a inteligência. A  
(Cont. na pág. 2)

# O RISO DE BERNARD SHAW

CARLOS ROMERO

**N**A Arte como na vida, há os que choram e os que riem. Há homens graves, compenetrados, subterrneos, para quem o mundo deixa de ser um divertimento, espetáculo, uma simples comédia, e sim um complicado teorema a exigir dolorosa solução. Uma profunda melancolia no rosto e na alma é o que exprime essas criaturas sombrias e circunspectas. Chamam-se Amiel, Dostoiewski, Tolstoi, Julien Green... Entrar-lhes na intimidade é encher-se de desesperanças e mistérios. Existem, porém, as fisionomias claras, risoavelmente ingênuas, que nos fazem lembrar o bondoso Marden. Herdeiros espirituais do dr. Pangloss, de Mozart, de Whitman, eles trazem sempre a alegria escancarada dos entusiasmos incipientes e felizes. No entanto, há do outro lado, os que fazem do riso uma arma, que nos incomodam com a sua gargalhada, às vezes, satânica, às vezes cruel. A princípio, odiamos-os, quando não compreendemos o sentido dessa gargalhada incômoda e que nos enche de vergonha e medo. Invés de um gesto de compreensão, eles nos criticam, apontam-nos os erros e as misérias de pobres mortais. Chamámo-los de cínicos, de desalma-

dos, de palhaços irresponsáveis ante o desespero do mundo.

O homem que se despediu um dia desse da vida, o tão conhecido e discutido Mr. Barnard Shaw pertence ao último grupo, o grupo dos que riram para criticar. É parente de Erasmo Roterdão, o moderado latinista que fez o elogio da Loucura numa época de

loucuras; de Rabelais, que nos ensinou essa fórmula salutar: «Ride, ride. O riso é próprio do Homem». do cruel Voltaire, que chegou ao exagero de pedir credenciais ao padre que lhe fora encomendar a alma a Deus.

Shaw não sorriu apenas. Fez mais do que isto: gargalhou. E esta gargalhada ecoou no mundo inteiro co-

mo uma ameaça à tranquilidade e falsa ordem das coisas. Por isso, Shaw causou tantas indignações e revoltas. O riso era para ele uma arma, um meio de salvar os homens e as instituições. O mundo pareceu-lhe mais uma comédia, uma comédia de erros, invés de uma tragédia, onde tanto se proclamava a filosofia do desespero. E eis porque Shaw sorriu, gargalhou, dando-nos a impressão de um clown irresponsável, paradoxal, e cabotino.

Não foi apenas um ironista, mas um satírico. E a sátira, como já disse esse arguto Gilberto Amado, é obra de um temperamento de ação que deseja melhorar o que vê. Não foi um desiludido, e sim um lutador. Logo: um idealista, um homem que acha que nem tudo está perdido. Eis porque o próprio Shaw se considerava o homem mais sério do mundo.

Talvez haja quem lamentasse essa atitude satírica diante da vida, quando tudo inspira piedade e lamentações. Ora, convém notar que o riso de Shaw não foi de puro divertimento. Ele usou o riso, como já dissemos acima, para criticar. E essa função crítica do riso é uma necessidade, sobretudo numa época tão ridícula, tão cheia de contradições e absurdos. Já disse um moderno sociólogo: o engraçado é tudo aquilo que foge do normal. O mundo atual foge da natural ordem das coisas, é artificial, é anti-natural portanto, engraçado. As instituições chegam a um momento em que é possível ridicularizá-las ao ponto de desaparecerem como instituições, já acentuou um pensador. Dai surgirem homens como Shaw, homens aparentemente cínicos (cínico na expressão vulgar) quando, na verdade, são os que mais merecem o nome de sérios, dignos de toda atenção e estudo.

Shaw teve razão: ele foi o homem mais sério do mundo.

## AUGUSTO DOS ANJOS, UM MARTIR DA INTELIGENCIA

(CONTINUAÇÃO)

inteligência que tudo reduzia a mutações da força e da matéria, e a intuição que o levava a entrever para além do mutável a transcendência que não muda.

Sentem-se nele as virtualidades de um puro cristão. Era no íntimo um representante daquela estranha raça de homens, de que diz Romain Rolland que, há mais de dezenove séculos, vem enchendo de gritos de dor e de fé a história do ocidente. A sua profunda inquietação, aquele sentimento de desamparo e instabilidade, não era senão ansia de assunção — a sede de uma alma que o sofrimento afinará para a ascen-

se e a contemplação. Alma sequiosa de luz e superação, ardendo por subir sempre mais alto, transire excel-sius, para um ideal que ela própria nem sabia:

«subi talvez às maximas  
[alturas,  
e se hoje volto assim com a  
[alma às escuras,  
é necessário que ainda eu  
[suba mais».

O próprio sentimento do nada da vida terrena e da sua vocação intorcível para o sofrimento, despertava-lhe a consciência de sua submissão ao eterno. Como um astro perdido nos intermundios, sentia-se obscuramente atraído para algo transcendente, extra-temporal. A religião ter-lhe-ia aclarado o sentido dessa gravitação. A inteligência, sua,

«única luz tragicamente  
[acêsa  
por entre as sombras do  
[mistério eterno»

não podia aplacar-lhe a sede de infinito, como não contentou a Pascal, na sua course a l'abîme.

Não é pela inteligência que Deus baixa às consciências. O seu reino não é deste mundo inteligível, mas de um outro de outras dimensões, a que só se accede pela via da intuição — a  
(Conclue na pág. 15)

## A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

*Correio das Artes*

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias  
João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil

# Recordando a morte de AUGUSTO DOS ANJOS

BARROSO JUNIOR

A CASA da rua Cote-gipe acorria a sociedade leopoldinense, em 10 de novembro de 1914, levando a solidariedade de sua magua à família do poeta. Lá estivera o professorado do grupo escolar numa vista coletiva. O dr. Custódio Junqueira, que se desvelara à cabeceira do enfermo não escondia a desesperança. O poeta ia mal, muito mal.

A grande maioria dos habitantes não compreendia perfeitamente a aureola de simpatia e acatamento que circundava o esquisito vate paraibano. Chegara em fins de junho daquele ano e viêra substituir na direção do «Grupo Escolar Ribeiro Junqueira» ao saudoso professor Matola. Diziam os mais letrados que era um grande poeta, que publicara há dois anos antes um livro de versos estranhamente intitulado «Eu», que muita gente não entendia bem, mas que a crítica dissera que fôra o maior acontecimento poético do ano.

No festival de 15 de agosto em benefício da Casa de Caridade, Augusto entrara em mais perfeito contacto com o povo, com os seus versos à «Caridade», musicados pelo professor Tavares Pinheiro, cujo estribilho cantava:

Cantemos todos os anos  
Nas festas da Caridade  
A Solidariedade  
Dos sentimentos humanos.

Desde 26 de junho, dia em que tomara posse, vinha dirigindo o grupo escolar, onde sua sensibilidade fidalga lhe grangeara a admiração e o respeito de seus dirigidos. Conta-se que uma vez fôra levado à presença do diretor um menino por demais travesso. Estava Augusto dos Anjos na diretoria, carinhosamente repreendendo ao aluno insubordinado, quando lhe entra pela sala a dentro sua auxiliar de disciplina. Ao vellos assim, diretor e aluno, tão calmamente palestrando, não se conteve a senhora:

— Dr. Augusto, assim não vai. Esses meninos preci-

sam de «arrancos». Eles zombam de nós.

Augusto dos Anjos fez sair o aluno relapso, e, depois, com aquela doçura e modo de falar que lhe eram peculiares, disse à professora:

— Dona Brigida, se fôra preciso mais que palavras para manter minha autoridade, pediria demissão.

dos Anjos. A consternação fôra geral. Entretanto, o espírito religioso da cidade se alegrava: o poeta materialista morrera nos braços de monsenhor Florentini, confortado com os sacramentos da Igreja. Morrerá Augusto aos 30 anos de idade, precisamente e dele já dissera dois anos antes Osório Duque Estrada:

Jazia o Último Número [cançado.

Era de vate, imóvel, resignado,  
Tragicamente de si mesmo [oriundo,  
Fôra da sucessão, estranho [ao mundo,  
Com o reflexo fúnebre do [Inceado!

Bradei: — Que fazes ainda no meu crâneo?  
E o Último Número atro e subterrâneo.  
Parecia dizer-me: — «E» [tarde, amigo!

Pois que a minha autogeni- [ca Grandeza  
Nunca vibrou em tua lingua [presa,  
Não te abandono mais! Mor- [ro contigo!



AUGUSTO DOS ANJOS

E era por todos esses fatos, pela amenidade do seu tratar, que a cidade se condoia com a sorte do poeta. Fôra ele levar dias antes ao cemitério municipal o corpo de um seu amigo. De volta, apanhara alguma chuva. A princípio, tomou-se por influência, o achaque sobre vindo. Depois, o medico chamado, constatou a gravidade do mal: pneumonia dupla.

Pela manhã de 12 espalhou-se pela cidade a infame notícia: morrera Augusto

«Há no fundo da complicada poesia do Sr. Augusto dos Anjos o lastro de um cientista e de um esteta de raro merecimento».

Morrera o poeta paraibano em plena lucidez de espírito, e ditara a Octavio Lacerda o soturno «Último Número»:

Hora da minha morte. Tir[ta, ao meu lado  
A Idéa estertorava-se... No [fundo  
Do meu entendimento morl. [bundo

O Ginásio Leopoldinense ainda em embrião, onde campeava vitoriosa a mocidade de Botelho Reis, fez suspender suas aulas e uma comissão de alunos depôs sobre o túmulo do malogrado vate uma corôa com expressiva dedicatória. As aulas do grupo escolar foram suspensas por oito dias e o Dr. Americo Lopes, secretário do Interior do governo de Minas, em nome da administração, apresentava lúzames a família.

A beira da sepultura orou monsenhor Florentini, vigário de então, realçando a personalidade do extinto. A Sociedade Musical Santa Cecilia executou marchas fúnebres e via-se estampado em todos os rostos consternação profunda. A professora D. Maria Brigida de Medeiros Castanheira, sua substituta eventual na diretoria, achava-se acompanhada do professorado e de comissões de alunos, e, afôra essas manifestações coletivas, lá estava o que a cidade possuía de mais seleto.

Augusto dos Anjos nasceu a 20 de abril de 1884 no Engenho de Açúcar denominado «Pão d'Arco», à beira do rio Una, no Estado da Paraíba do Norte, município do Espírito Santo. Fez

Cont. na pag. 14

# FULGÊNCIO

CYRO DOS ANJOS

TODAS as vezes que o vaqueiro Fulgêncio ia à cidade, um pica-páu, que morava no ôco do pequizeiro velho, à beira da estrada, saía do seu buraco e dava uma voadinha à frente do cavalo. Era a conta: Corisco, assustado, disparava feito uma flecha.

Numa tarde, em que ficara a tomar uns goles nos botequins, e voltara meio tocado, o negro chegou a cair do animal. Os arreios estavam frouxos e a cachaça com losna, curtida no sereno, que o vendeiro Domingos Braz lhe dera a beber, não era para brincar de iras.

Correndo, com as pernas bambas, atrás de Corisco, que ficara a esperá-lo adiante, após ter galopado um bom pedaço de chão, Fulgêncio pensou, com raiva: «Esse filho da mãe ainda me paga».

Referia-se ao pica-páu, e não a Corisco, velha amizade, cuja cisma com passarinhos bem podia ser perdoada. Afinal, cada um de nós tem as suas implicações.

Dias depois, por ocasião de outra ida do vaqueiro à cidade, o pica-páu repetiu a voadinha, no lugar do costume, e Corisco teve o susto do costume.

Assim que o cavalo cansou de correr, Fulgêncio apêou-se calmamente, prendeu o pelo cabresto a uma árvore, e voltou a pé, até o pequizeiro onde morava o pássaro. Num salto ágil, agarrou-se ao galho e sondou, com a mão, a abertura no tronco. Não estava lá a peste. Disse consigo mesmo: «Eu te espero, desgraçadinho». E ficou à espreita.

Quando o pica-páu voltou e entrou no buraco, não foi difícil ao negro apará-lo. Sentado no chão e segurando o bichinho entre os dedos do pé, sacou da faca e cortou-lhe pena por pena. Deixou apenas uma peninha no bico para julgar. E disse, ainda espumando de ódio:

— «Só não te dou uma

surra, porque tu não tem tamanho, miserável».

Fulgêncio não receia feitiço, nem «despachos» de qualquer espécie, pois conserva um «Famaleal» dentro duma garrafa. Foi-lhe dado pela avó, que era especialista em engarrafar espíritos.

O doutor Veloso, proprietário da fazenda, esclareceu-lhe que «Famaleal» é uma corruptela de «familiar». Trata-se de demônios familiares que, engarrafados por meio dum sortilégio, protegem seus detentores contra qualquer malefício.

Fulgêncio prometeu-me um «Famaleal».

Disseram-me que, à noite passada, foi vista uma mula sem cabeça, para os lados da ponte do Simão.

— E' só esconder as unhas e os dentes, que ela não faz nada, esclarece Fulgêncio, para me tranquilizar.

Informou, também, que as mulas sem cabeça não podem ver luz acêsa nas casas. Metem as patas nas portas até arrebentarem tudo.

E depois atacam as pessoas?

Doutô, respondeu-me Fulgêncio, aquilo é um bicho desgraçado. Dá coices, que chegam a tirar fogo!

Indaguei se havia tam-

bém lobisomens nas redondezas. Respondeu que, naquela quaresma, ainda não tinham aparecido, mas nunca faltam, em certos sitios das proximidades.

Fulgêncio tem medo de lobisomens, embora jamais ataquem criaturas humanas. Mas, pensa o negro que sempre há o perigo de a gente ser mordida. E quem for mordido por eles virá lobisomem, não há remédio.

Salvo isto, parece que o bicho é ofensivo, e apenas eventualmente matará algum cachorro, se perseguido, ou comerá leizinhos novos, se apertado pela fome.

Outras informações úteis me foram prestadas por Fulgêncio; se um casal tem sete filhos homens e o sétimo se chama Custódio, é certo que este virará lobisomem. Caso coincida que a madrinha seja uma tia paterna, não esse Custódio de modo algum poderá fugir ao seu destino.

Ainda neste particular, Fulgêncio mostrava-se muito preocupado, porque um comadre seu está a lidar, malamente com as feições muito descoradas — o que habitualmente é indício de estar a pessoa funcionando como lobisomem, nas sextas-feiras da quaresma.

Separa de Fulgêncio, quando um rapazinho lhe pediu fogo para acender o cigarro:

— «Meu filho, quem tem vício carrega artifício!»

E, mal-humorado, passou-lhe o isqueiro de fuzil.

Era uma advertência para que comprasse uma bingá. Dar fogo faz mal, segundo a tradição.

E, pelo sim, pelo não, o melhor é não contrariarmos o que dizem os antigos.

Outra de Fulgêncio:

— «Dê lembranças a Calixto», lhe disse, ao partir.

— «Farei presente o seu mandado», respondeu em português de pura água.

Onde teria Fulgêncio a (Conclui na pág. 14)

## FAULKNER, PREMIO NOBEL

JOSÉ LINS DO REGO

WILLIAM FAULKNER ganhou o premio Nobel, de literatura, para 1950. Mais uma vitória da literatura americana. E desta vez com um grande criador, um verdadeiro romancista, dos que não são da fauna monstruosa dos best-sellers.

Faulkner mantém em todos os livros um fabuloso poder de emoção, pondo nos seus personagens, sempre triaturas possuídas de raivas estranhas, uma terrível força de comunicação com a humanidade. Há, na sua força para caracterizar e descrever, o toque poético do mestre Sherwood Anderson, uma secreta ternura que não se perde, que se concentra, às vezes, em detalhes que superam as crises da personalidade. Os loucos, os raivosos, os desajustados de Faulkner, tem aquele mesmo trágico lirismo dos russos, a força misteriosa de serem ligados à vida pelos contatos misteriosos de uma constante intimidade com o céu e a terra. Há um desespero metafísico em Faulkner, a condição humana perseguida pela fatalidade, por um destino virulento. Os heróis de Faulkner são da espécie aleijada dos heróis que são vítimas da vida, sobreviventes de uma convulsão moral. O que, porém, não os transforma em monstros repulsivos, é aquela virgindade de inocentes que conservam mesmo nos momentos do mais triste rastejar pelo chão. Há, para cada um deles a rutilância da arte, a luz que não se apagou da alma.

E é assim Faulkner um artista como foi Joyce, um criador que é vítima do seu tempo, mas que não se entregou às contingências do seu tempo. Pelo contrário que é, apesar de tudo, o esplendor de uma época. Através de Faulkner, Deus está na carne, no chão, no crime, na loucura, na graça de seus personagens.

Deus não desaparece da terra enquanto houver um Faulkner, para criar um Faulkner para refletir as suas grandezas. (Da secção «Homens, Coisas e Letras» do «Diário de Pernambuco» de 14 do corrente).

## POESIA NOVA

## P O N T E A N D O

REYNALDO BAIRÃO

1 — O verdadeiro precursor, em arte, é aquele que, possuindo um equilibrado senso de modernidade, possui igualmente o grave nocionamento de que a sua obra, depois de terminada, é CLÁSSICA e NÃO MODERNA simplesmente. Esse, na verdade, é o único que consegue vencer o tempo inexorável, sendo a sua obra sempre tão nova como o era no momento em que apareceu. Bach talvez seja o melhor exemplo a ser apontado. No entanto, inevitavelmente, há outros. Me lembro de Giotto, de Greco, de Shakespeare, de Stendhal. E de Sófocles, de Eurípedes e de Ésquilo.

2 — Novamente reaparece o ótimo «CORREIO DAS ARTES», suplemento literário do jornal «A União» (João Pessoa, Paraíba do Norte), agora organizado e orientado por Eduardo Martins. Destaco um artigo de Arnaldo Wald, intitulado: «Péguy, discípulo de Bergson», a primeira parte publicada de um ensaio de Hilton Marinho sobre «Os Incas»; poemas de Austen Amaro, José Paulo Moreira da Fonseca e Celso Otávio de Novais e dois desenhos de Farnese ilustrando um estudo crítico de Antonio Bento sobre esse aluno de Guignard.

A revista Branca, no seu décimo segundo número, lança uma edição especial, comemorativa de seu segundo aniversário de existência. Colaboração a mais variada, destacando-se, entre outros, os seguintes escritores: Saldanha Coelho, Herberto Sales, Wanda Menezes, Rocha Filho, Manuel Cavalcanti, Fausto Cunha, José Paulo Moreira da Fonseca, Ary Vasconcelos, Afonso Felix de Souza, Alexandra Hortopan, Ney Guimarães, Nilo Pereira, Octávio Alecrim, Cyro Pimentel, Renato Jobim e Bráulio do Nascimento. O que caracteriza este número da revista Branca é a intenção que demonstra a ge-

ração nova em fazer revisões de valores...

3 — Em Wagner («Os Mestres Cantores»), encontro estes versos notáveis pela atualidade da sua mensagem:

«Mein Freud das grad'  
[ist Dichter's Werk  
Dass er sein Traeumen  
[deut' und merk...».

ou seja:

«Amigo, toda a obra do  
[poeta  
É interpretar e anotar o  
[que sonha...

4 — Moacyr Felix de Oliveira publica «Lenda e Areia» (Edição da revista Branca, Rio de Janeiro, 1950), livro humano e verdadeiro, em que se respira muito mistério. O autor não é um estreante, pois em

1948 lançou o seu primeiro livro de versos, intitulado: «Cubo de Trevas». De lá para cá, Moacyr Felix de Oliveira aperfeiçoou consideravelmente a técnica do seu verso, tornando-se suscito, menos prosaico, e atavessando cada estrofe de sua poesia com um halo de sangue, de pedra e de solidão. Aliás, este jovem me parece convicto de que a Poesia é feita tanto de espanto como de amor. A sua poética consiste no desprezo absoluto que ele tem pelo cotidiano e pela vida vivida pelos homens que o cercam. Essa sua atitude nada tem de novo, já que a maioria dos poetas, após recidos depois de 1945, intenta a mesma coisa. Acontece, porém, que Moacyr Felix de Oliveira tira partido da sua dor e da sua solidão, no que semelhante dor

e solidão têm de mais incidental. Assim, o seu «clima» é antes de mais nada o do «instante além do tempo» quando ele sabe que as palavras devem ser

«...limpidas,  
gravidas de mistério»,

trazendo em seu bôjo «a noite sempre adivinhada»...

Mesmo quando Moacyr Felix de Oliveira fala num suposto homem, ele se refere a si mesmo. Me parece que é o próprio poeta, gritando de desespero inconsciente, o ser humano que vejo nos seguintes versos:

«...o grito do homem re-  
[boou nas paredes  
sem fuga das grutas escuras e amadureceu em seus  
[punhos fechados».

E o autor de «Lenda e Areia» um desajustado que foge continuamente do Nada, sem saber para onde foge, por que foge e como deve fugir. Além dessa passividade ante os seus desejos mais primários, este poeta tem visível propensão ao estático. Toda a sua poesia, proveniente de uma fuga impossível, se utiliza da estatuariedade, como viável forma de expressão. Poderia dar muito exemplos neste sentido. Me limito a alguns, bem elucidativos a esse respeito:

«Pelo sangue, pelo amor  
num mundo que não se en-  
[trega  
esculpido foi um dia»;

ou:

«Impassível como um tronco  
[co de árvore, onde  
os homens gravam a canilidade  
[vete o que calaram»;

ou ainda este outro:

«Não obstante, permanece.  
[Imos  
ao vento  
com mãos quase adormecidas  
[das»;  
ou este outro verso, verda-

## JANGADAS

JOSÉ TINET

UMA a uma em fileira, ei-las ao vento,  
De vélas pelo mar, de mar em fóra.  
E o mar que não dormiu nem um momento  
Parece que com elas vai embora.

E num cortejo vacilante e lento,  
Nas velas a estampar clarões de aurora,  
Entre as vagas, subindo, ei-las agora  
Como em rumo dirêto ao firmamento.

À tarde, enfim, regressam já cansadas,  
Branquejando nas fulgidas estradas  
Do mar sem fim, costumeiras rotas...

Lá vêm... todas descendo pelas vagas,  
Que escoltadas, retornam de outras plagas,  
Pelo bando festivo das gaivotas.



deiramente estampa, se nos lembrarmos da noção de parado que possui esta poesia moça:

«Muralhas sonolentas  
limitam a paisagem  
e pássaros aflitos».

Como auto-de-fé, «Anatomia do Agora» me parece indicar uma trilha para este jovem. Futuramente, acho que Moacyr Felix de Oliveira caminha para o solene, para sóbrio e para «os caminhos de entrega». Da desigualdade desta obra, destaco a precisão existente no hermetismo sadio dos achados líricos do poeta. Quem exclama:

«na carne em fuga dos ho-  
[imens  
o medo gerou o amor  
e o amor possibilitou».

é digno da nossa curiosidade, dele se esperando muito mais pelo que terá a dizer ainda, do que pelo que já fez profundamente...

5 — Talvez tenha sido Schiegei quem melhor definiu o poeta. Escreveu ele uma vez:

«Dichter sin doch immer  
[Narzisse».

que traduzido seria:

«Todo poeta é Narciso».

Segundo Charles Baudouin, «o retorno ao seio materno, como a onipotência do pensamento, formam parte do complexo narcisista de todo criador de obras de arte. «A oposição ao mundo exterior, dosada por um terno interesse por si mesmo» — eis uma das mais precisas características de todo grande artista e, principalmente, uma das peculiaridades de Tolstoy, «que se amava e se detestava alternativamente, admirando-se e se escondendo de humilhação, como se fosse o último dos culpados».

6 — O que importa, para Cezario de Mello, é o que virá amanhã. O seu livro «Cantos da Hora Undécima» (Editora Nordeste, Recife, 1950) é todo um longo canto de esperança e de devoção. A poesia para este jovem poeta, não é um veículo de exteriorização do seu próprio sofrimento, mas do sofrimento

do mundo. Talvez, por essa razão, ele se aproxime tanto dos poetas de 1930, principalmente no que se refere a Murilo Mendes e a Carlos Drummond de Andrade.

No entanto, st Cezario de Mello se utiliza de um monórdio para conseguir os seus ritmos monótonos e sempre iguais (como Murilo Mendes) e se, em «Caminho Perdido», procura se aprofundar no «sentimento do mundo» (como se ele mesmo fosse um personagem a se achar nesse mundo aparentemente em caos) — em geral, o poeta em questão adota o sistema estético rilkeano de rememorização e, assim, resolve o problema da sua poesia trazendo á tona a sua infância perdida e também aquela outra infância, que, além de perdida, ficou por viver.

Vemos, desse modo, Cezario de Mello reconstituir todo um mundo passado (vivido e não vivido), que o perturba precipitadamente e que nos entenece por analogia pois que visa o futuro promissor. Os melhores poemas, baseados na infância do poeta, são aqueles que se vêm resolvidos em versos curtos, variando a métrica de acordo com as exigências (rítmicas) interiores do autor dos «Cantos da Hora Undécima». Encontramos, de fato, versos em três, quatro e cinco sílabas intercaladas, não obstante ele dominar muito mais a redondilha menor (cinco sílabas). O verso longo, cansativo, cai sempre num prosaísmo claudeliano persistente, para tanto contribuindo, outrossim, o tema pré-estabelecidamente adotado por Cezario de Mello. Entretanto, o último poema do livro, «Tu voltarás...», convence justo por causa do sentido apocalíptico que possui imanentemente. Cezario de Mello, utilizando aqui o versículo, se esquece outra vez (como nos versos curtos) dos outros homens e volta a se preocupar com o SEU destino em face dos demais destinos, persistindo então no que fora anteriormente o seu tema predileto: o confessional em forma de oração. Penso mesmo que semelhante tema é o mais

indicado para ele. «Spleen», «O Meu Caminho», «Potma Noturno», «No Caminho do Rio», «O Destino do Homem», etc., etc., são provas cabais de que a sua poesia é um reflexo místico do que aconteceu com o poeta quando ele ainda sabia rir das coisas que já não têm graça para os adultos, e do que acontecerá com o poeta quando ele souber novamente rir como antes.

Já que para ele, a vida é «Lampada extinta», é «muro em pedaços» se redundando em silêncio eterno, sua poesia, quando adota os grandes vãos, se torna funcional, caso esses vãos venham manifestados em versos incisivos. Sendo o fim da vida a integração num Deus religiosamente aceito, e justiceiro, a sua dialética só nos convence quando não vem «a priori», como um fim a alcançar em si mesma...

Cezario de Mello, com «Cantos da Hora Undécima», reivindica para a novíssima poesia brasileira o conceito de que o poema é esteticamente, produto de uma contemplação interior. Não é por outra coisa que me bato há quase três anos e me deixa contente o fato de eu encontrar o mesmo problema proposto por um nordestista, ao que me parece estrejante. E tão diverso do que eu tenho sido, poéticamente falando.

7 — O Clube de Poesia de São Paulo acaba de lançar o sexto volume da sua coleção «Novíssimos». Trata-se de «Rosa Neutra», do estreante Manuel da Cunha Pereira, livro bastante desigual, de um lirismo já ultrapassado, que lembra em suas linhas gerais uma certa poesia falsamente confessional, hoje, infelizmente, tão em moda entre os poetas da mais nova geração. Entretanto, não é bem o confessional, em si, o que diminui de modo ponderável o valor de semelhantes obras. Não. Me parece que o que se vê deteriorizado é o «espírito» que anima o «clima» desses livros, «clima» nem sempre conseguido satisfatoriamente, devido talvez à propensão ao «academismo» manifestado

nas palavras e soluções mais comuns.

Na verdade, pouco me importa que um poeta ainda utilize a rima e o metro na confecção da sua poesia. Porém, me importa, e muito!, que tal utilização seja fruto de uma necessidade interior no dito poeta, vindo, a sua poesia, desse modo, alterada como o último grito a ser dado e não como uma atitude a ser tomada, anti-esteticamente falando. Sobre este ponto, aliás, há muito a se discutir. Penso que, ainda, não passou definitivamente o período de combate e de pesquisa entre os poetas modernos. Diversos livros de poetas «novos» e «novíssimos» vem comprovar o que estou afirmando genericamente. Ora, possuir a consciência do momento que atravessamos eis o que encontro em pouquíssimos: pouco ou nada em contrário, nesse sentido, no autor de «Rosa Neutra».

Manuel da Cunha Pereira ainda se esforça por cantar uma suposta Amada. No entanto as coisas bem feitas e o uso fica exclusivamente nisso: vai mais longe. Quando não se perde no lugar de um (1), cai fatalmente no rebuscado, para isso muito contribuindo o «espírito» da geração anterior a 22. Passo dar um exemplo com as seguintes palavras:

«Teus cabelos, teus lábios,  
[teu olhar, teu corpo  
[possuído  
tudo, tudo perdi, em um  
[momento apenas».

versos que são um atestado do seu «academismo» triunfante e renitente. Não me posso esquivar também de reprovar a sua atitude ante a imagem poética. Suas imagens são sempre precárias, anti-expressivas por excelência, sem comunicação, se atentarmos para o sentido psicanalítico que possui o mesmosímbolo quando transportado para o poema. (2)

O «clima» poético, a que eu aludi acima, insiste numa visão unilateralmente «arranjada» das coisas. Tudo que cerca o poeta em questão se vê solucionado da (Conclue na pág. 14)

# POSIÇÃO DE DALÍ

LUIZ GONZALEZ ALONSO

## O inquieto pintor catalão vai dedicar-se exclusivamente á arte sacra — Está ilustrando a "Divina Comédia"

Até há um ano o discutidíssimo mestre do surrealismo era um nome em evidência a pesar nas tertúlias intelectuais; hoje é tema de curiosidade universal, e fotografias do artista bem como notícias sobre suas viagens cosmopolitas figuram continuamente em diários e revistas. Ele principiou sua presente nomeada com montagem em Roma da comédia de Shakespeare «Como lhes aprouver», para a companhia dirigida por Luchino Visconti; o triunfo foi tamanho que foi assinalado pelos críticos como um dos acontecimentos máximos do ano passado; e o êxito referendou-se com os ecos da montagem daliana de «Don Juan Tenorio», em Madrid, do qual a imprensa se ocupou chamando a atenção sobre a famosa obra de Zorrilla, da qual um editor vai publicar uma nova tradução e cuja representação na Itália está interessando a alguns empresários.

UMA exposição de alguns quadros de propriedade de colecionadores italianos, e de vários desenhos, foi como uma pedra atirada no lago das discussões entre abstracionistas e realistas, entre picassianos e antipicassianos; discussões estilísticas e um tanto políticas, na verdade. Salvador Dalí soube aproveitar esta oportunidade, com entrevistas e declarações conseguiu converter-se em alvo da curiosidade dos círculos intelectuais, e dos salões da chamada alta sociedade.

Sua primeira viagem valeu-lhe boa acolhida de artistas e o trabalho cenográfico mencionado serviu-lhe para colecionar inúmeros convites nas residências de acesso mais ambicionado por personagens internacionais e para conseguir o contrato para ilustrar a Divina Comédia, que será editada ainda este ano ou em princípio de 1951 pelo Instituto Poligráfico do Estado, com prólogo e comentários

do padre Luigi Pietrobono, dantista mais famoso de nosso tempo. Será — dizem — uma obra-prima da arte tipográfica italiana, digna do Ano Santo, e suas ilustrações, segundo pretendem, são do mesmo valor das celeberrimas de Gustave Doré, apesar de serem de caráter estético diferente.

Porque — e esta é uma das características do artista catalão — Salvador Dalí continua mais convencido do que nunca de que o surrealismo por ele professado é o único «ismo» que sobreviverá, por tudo quanto contém de construtivo e de representativo de nosso tempo, desta civilização

que passará á História como a época atômica. Sem renunciar, por conseguinte, a seu estilo — ou, se preferem á sua forma — pintor espanhol se propõe, nas suas 100 ilustrações de Dante, a dar uma interpretação contemporânea da peregrina substância da Divina Comédia e simultaneamente fazer uma demonstração daquilo que julga deverá ser a arte «religiosa» ou «teológica» que satisfaça às exigências do homem atual e da massa popular, não como simples multidão, mas como resumo de individualidade que pensam e sentem com personalidade própria, dentro das uniformes ansias de novidade e de es-

piritualidade, em luta contra o materialismo ainda hoje predominante.

DESTES anseios de espiritualidade renovada tornou-se patrono Salvador Dalí, nesta nova etapa de sua evolução de artista construtivo e de homem crente: «Dedicar-me-ei, de agora em diante, à arte sacra, à arte religiosa, á realização de uma iconografia católica, pondo a seu serviço minha experiência pictórica e minha fé cristã», disse em reiteradas declarações, Salvador Dalí. E alguns, ao comentá-la referiram-se á «conversão» de Dalí, pondo-a em relação com a audiência que o Santo Pontífice lhe concedeu recentemente, quando ele passou por Roma e durante a qual o artista mostrou a Sua Santidade o quadro da Virgem por ele denominada «Atômica» e que conforme explicou, constituirá o arquétipo de outras imagens que continuará pintando de agora em diante de acordo com aqueles seus propósitos.

O FATO da sua visita ao Papa parece exercer influência transcendental no resto da carreira de Dalí. Aumentou seu renome e sua popularidade, e também vai incrementar agora a saída da tradução italiana da autobiografia que com o título de *The secret Life*, foi publicada há alguns anos na América do Norte e que já está sendo um êxito de livraria aqui.

Diante desta obra, para a qual André Maurois escreveu o prólogo e qualificou de «absoluta e ilimitada sinceridade» os críticos italianos raciocinam de vários modos: os adversários mostram-se irritadíssimos com seu conteúdo desconcertante como a própria arte do autor, e os partidários qualificam-na de obra-prima no gênero. Porém todos concordam que se trata da melhor introdução ao conhecimento da criação artística de Dalí, (Cont. na pág. 12)



ARTURO TOSCANINI, diretor da Orquestra Sinfônica da National Broadcasting Company, por ele organizada em 1937. Regendo a famosa orquestra, Toscanini realizou recentemente uma excursão pelos Estados Unidos, visitando mais de 20 cidades norte-americanas.

# A PRIMEIRA VISITA

ASCENDINO LEITE

O PADRE foi a primeira visita. O vigário de pés tortos. Andava ginchando, por ação do defeito físico, porque leve lhe era o corpo franzino e mais delicada, na aparência, a substância espiritual. Estava eu sob o domínio de leituras recentes. Os complexos, pensava, deveriam torturar aquela alma modesta. E me perdia em vãs divagações sobre o insustentável mundo das fantasias.

Imaginava o um torturado. Que dramazinhos incruentados não se aninhariam no tugurio paroquial! E de que espécie seria a fé do padre Pires, pobre ser vilipendiado pela miséria do aleijão, a atrair a piedade humana até os limites das concessões mais generosas? Phillip Carey, personagem de um romance, que surgia à mente. O padre Pires, de pés tortos, calçando sapatos especiais, dificultoso nas ladeiras, seria um epígono do herói literário e isso me comovia. Mas Monte Orebe era um pobre burgo no mundo, tão simplório, que o drama por mim imaginado se confinava num mediocre esquema de cogitações. A esturdiada compreensão da gente com quem eu entrava a privar desanimava a pretensão do trágico. Povileu incrustado, ruminaria diante do padre Pires motivos de chacota.

O pároco talvez fôsse fruto da mesma cepa. Por que então me enrodilhar na fantasia dramática e supor no padre Pires fenômenos de inteligência e segredos murmúrios contra as injúrias da natureza?

Veio ele a mim e o recebi afastando do meu espírito a idéia mesmo de ter afastado tais ilusões.

\*

Era humilde, sim. Mas dessa humildade sem afetação que aliás assentava bem com a sua medida física. Pároco aldeião, não deferia dos demais missionários da fé que espalham a sementeira da religião pelas cidadeszinhas ignoradas da geografia nordestina. Pedi-

lhe que cooperasse comigo na minha tarefa em Monte Orebe. Mas o censo era idéia que não lhe estava em mente e logo vi que o padre Pires fazia dêsse serviço as reservas de toda a gente simples dos campos. Algo como o serviço militar. Para que contar outras? Isso era missão que ele apenas compreendia remotamente como uma invenção do poder governamental mas nunca como uma grave necessidade de utilidade pública.

Todavia, no domingo seguinte, fez o seu sermão

sobre os pontos de um esquema que lhe dei. Pouco me lembro do que disse então. Voltando os olhos para trás, nada mais consigo evocar senão a sua mirrada figura humana. E o pensamento não me ajuda mais que o tecer uma célica apreciação de sua eloquência. Talvez a palavra eloquência seja nesta altura muito solene para definir o sermão proferido pelo bom padre a meu pedido. Era mesmo um sermão por encomenda. Mas creio que, independentemente disso, o excelente pároco não te-

ria fôlego maior para produzir uma peça sofrível, não teria sido mais original nem mais brilhante. Suas palavras saíram descozidas, se assemelhavam em quasi tudo às dessas orações sacras que os nossos vigários do interior costumam dizer aos seus paroquianos em meio á missa dominical.

\*

Fôsse eu membro do clero, bispo ou arcebispo, daria corpo às idéias que alimento em relação a esse aspecto da prática religiosa. Há uma tradição que manda seja a prédica dos domingos fundamentada em trecho do evangelho, algumas citações latinas e a interpretação dos símbolos sagrados. Nossos padres seguem à risca a letra do texto. E à força de repeti-lo cosem e descosem os seus sermões, num fraseado por vezes bárbaro que só muito raramente consegue atrair o interesse intelectual ou religioso dos seus modestos auditórios.

O padre Pires era bem um representante dêsse tipo de pregador espiritual. Reconstituo sua figura angulosa quase a desaparecer no semi-circulo do púlpito, tentando inutilmente bradar as suas verdades. Pela nave, sobre os bancos, dormitavam os rústicos cavaleiros do lugar e as velhinhas, mais diligentes nas demonstrações de fé, homenageavam seu vigário dirigindo-lhe o olhar atento e um ar de compunção, como quem cumpre penitências.

E assim o padre Pires prestou-me a sua contribuição. Estou convencido de que ele próprio formava um juízo muito precário do objeto que o levou ao púlpito, motivo por que no seu sermão pensava menos na repercussão e na serventia daquele empreendimento público do que mesmo necessidade de fortalecer, com as suas reservas, a própria segurança religiosa de sua pequena comunidade social.

## NOTÍCIAS DE FRANÇA

**Andrée Viollis** — O mundo das letras e do jornalismo recebeu com emoção a notícia do desaparecimento de André VIOLLIS, morta em sua residência em Paris, aos 72 anos. Gravemente tocada por um ataque em janeiro último, viu depois sua saúde restabelecida, pretendia partir no mês próximo para a Coreia.

Fez uma parte de seus estudos em Oxford; estreou no jornalismo com contos e estudos para o «Betit Parisien», «l'Echo de Paris», «Excelsior»; depois da guerra de 1914 e de suas estadias na Inglaterra ela se ligou ao «Daily Mail» e ao «Times».

Em 1922 entrou para o «Petit Parisien» e passou por todos os ramos de jornalismo, sobretudo a grande reportagem no estrangeiro. Não esqueceremos os livros que ela publicou: «Só na Rússia» (1927), «Tempestade sobre o Afeganistão» (1929) (foi a única jornalista que viveu a revolta de Kaboul, na Legação da França, metralhada), «A Índia contra os Ingleses» (1930), «Indochina S. O. S.» (1933), «Changai ou o destino da China», «O Japão e seu Império» (1932).

### O aniversário da morte de Saint Exupéry — Há seis

anos que, em agosto, Antoine de Saint Exupéry, oficial aviador e escritor, partiu em missão aérea para não voltar.

O sexto aniversário da sua desapareição será dignamente celebrado por amigos e admiradores, pois sua lembrança é das que levanta maior omicção após uma guerra fértil em dramas de toda espécie.

A grandeza de «Saint.Ex» não está só na sua obra literária tão nobre, e no sacrifício que fez ao seu país; será também seu caráter, admirado por todos os que o conheceram.

Sabe-se por exemplo, que pronunciou a respeito da reconciliação dos franceses palavras que foram diretas ao coração de todos os verdadeiros patriotas.



Ilustração de SANTA ROSA

## O CAIXÃO FANTASTICO

AUGUSTO DOS ANJOS

**C**ÉLERE ia o caixão, e, nele, inclusas,  
cinzas, caixas cranianas, cântilagens  
oriundas, como os sonhos dos selvagens,  
de aberratórias abstrações abstrusas!

Nesse caixão iam talvez as Musas,  
talvez meu Pai! Hoffmânnicas visagens  
enchiam meu encéfalo de imagens  
as mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo,  
à meia noite, penetrava fundo  
no meu fenomenal cérebro cheio...

Era tarde! Fazia muito frio.  
Na rua apenas o caixão sombrio  
ia continuando o seu passeio!

DE PORTUGAL

# EM DEFESA DA POESIA

JOSÉ REGIO

**H**AVIA, dantes, grandes diferenças técnicas entre poesia e prosa. Até havia uma arte de fazer versos, — a versificação ou metrificação.

Sabe toda a gente como a versificação foi posta de lado por grande número dos poetas modernos. Deixaram estes de contar as sílabas dos versos; de calcular a disposição dos acentos dominantes; de jogar com a bela eufonia das rimas; de conseguir o ritmo poético por meio da aplicação mais ou menos sábia, mais ou menos subtil, dum conjunto de regras em que se fixara a experiência dos artistas.

Por demais se tem chamado que a metrificação é um espartilho e uma cadeia, um preconceito. Pura verdade objetiva — é que o é, de fato, para alguns poetas. Mas de modo nenhum o parece ser para outros, que através dessa pretensa «cadeia» se exprimem muito livremente; que dela fazem, digamos, uma potência de evocação mágica. E a prova é que metrificaram, ou continuam a metrificar, (se não no todo da sua obra, ao menos na maior parte dela) alguns dos nossos melhores poetas modernos: um Sá Carneiro ou um Fernando Pessoa, um Ricardo Reis ou um Camilo Pessanha, um Afonso Duarte ou um Miguel Torga, um Francisco Bugalho ou um Pedro Homem de Melo.

A contagem das sílabas e a disposição dos acentos, os jogos vocabulares e os jogos fónicos, sem dúvida não essenciais à poesia de várias composições poéticas celeberrimas. Não simples ornamentos acessórios, como o supõem alguns observadores superficiais; mas elementos intrínsecos.

Bastar-nos-iam, não obstante, os exemplos de Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Casais Monteiro, Alberto de Serpa, Antonio de Navarro, vários outros, pa-

ra havermos de reconhecer que a metrificação não é indispensável à criação poética. Admitamos, pois, que possa haver poesia e versos sem metrificação!

Contemporaneamente, anteriormente, ou posteriormente à demissão da arte de versificar, uma não menos importante exclusão se dava, dera, ou daria: a do «assunto poético». Pura verdade objetiva é que há assuntos já naturalmente poéticos de si; isto é: que naturalmente sugestionam os poetas, e lhes solicitam expressão literária. Por exemplo: certos fenómenos naturais, como um poente ou uma noite de lua; certos casos históricos ou lendários, como o de El-Rei D. Sebastião; certos estados afetivos, como o dum amor sem esperança; etc. Mas

não é menos verdade que de qualquer motivo pode uma alma de poeta extrair um grande poema. E por que? Porque sobretudo na alma do poeta parece existir o germe criador de poesia. De temas considerados anti-poéticos fizeram poemas, verdadeiros poemas, vários poetas modernos e contemporâneos. Mas não será oportuno lembrarmos aqui um dos maiores Mestres da poesia portuguesa, um dos mais ricos dentro duma obra e duma vida breves, — Cesário Verde?

Assim haverá poetas para quem existam os assuntos poéticos; haverá, talvez, assuntos poéticos «em si»; como haverá poetas para quem poderá qualquer assunto volver-se poético; ou até poetas que sintam como particularmente poéticos os

temas repelidos quer pela tradição, quer pelo sentir comum. Admitamos, pois, que possa haver poesia e versos sem qualquer preconceito de tema!

Como não pudera deixar de ser, também à linguagem chegou, ou chegara, esta depuração da poesia. Sem dúvida se distingue, no geral, a linguagem dos poetas por mais florida ou fantástica: sobretudo, por mais rica de imagens. Criando ou revelando as mais sutis relações, as mais inesperadas e as mais sugestivas, pareceu ser a «Imagem», a própria língua da poesia. Ainda hoje há quem abunde neste parecer. Não obstante será esta uma verdade nunca desmentida pelos documentos?

Pura verdade objetiva é que sempre houve poemas cuja tocante beleza, cuja profunda poesia, antes parece nascer duma expressão tanto quanto possível singela, duma linguagem tanto quanto possível ta, duma forma tanto quanto possível nua, erma, grave. Como em outros poemas principalmente brotará a poesia dum cintilante borbulhar de imagens. Não há dúvida que a poesia é coisa muito ondeante e diversa! Tão ondeante e diversa como o próprio homem, não obstante os que a pretendem fechar em campos de concentração. E então, como não compreendermos que aparecessem poetas servindo-se duma linguagem seca e nua, directa e crua, pobre de imagens, roçando o banal, repetindo o oralismo quotidiano? Vários poetas modernos se deixam ir nesta tendência, (e não vão mal) ou a compartilham com outras. Lembremo-nos, até, que já no nosso adorável João de Deus lhe poderemos encontrar convincentes manifestações... Admitamos, admitamos, pois, que possa haver poesia e versos sem



## A DÚVIDA

HERNANI DE LENCASTRE

**S**OMBRA de sombras múltiplas que passam  
em cortejo maldito, penitentes...  
Sombra de muitas sombras que se abraçam  
p'ra repelir-se, frias e dormentes...

Sombra feita de sombras que esvoaçam  
ou rastejam inquietas, quais serpentes,  
que se juntam e logo se estilhaçam  
em farrapos dispersos e frementes...

Onde esta sombra passa se desfaz  
a mais leve esperança duma luz  
— em guerra ardente, transformada a paz...

E um grito lacinante se desprende!...  
E um córrego de sangue negro e pú  
sai de cada muralha que se fende...

(Conti na pág. 12)

## O GÊNIO DO ZABUMBA

JOÃO DA VEIGA CABRAL

É IR a uma praia e ouvir o batecum de um côco e logo me lembro do meu amigo Zé Doutô. Zé Doutô, um velho camarada que eu perdi de vista faz muitos anos. Ele era carvoeiro, carreiro e mais uma porção de coisas nas terras de Mussuré, domínio de gente minha, bem perto aqui da Capital. Zé Doutô era magro, comprido e troncho como o pau da catingueira que o sol da seca esturricou. E preto, preto, de um pretume do carvão que fabricava nas carvoeiras cujo fogo sabia regular com segurança de mestre.

Zé Doutô era um negro senvergonha. Senvergonha e cachaceiro. Cachaceiro e valentão. E, ainda mais, metido a bête, a conquistador de mulher e de filha alheia. Mas era negro de confiança, respeitador dos patrões. Não era ladrão e sabia trabalhar. Carvoeiro e carreiro de primeira qualidade. Não ser ladrão e ser trabalhador, respeitar os seus patrões e os seus superiores, eram as mais altas virtudes que se poderiam exigir de um negro de confiança — pensava ele, possivelmente, na sua apreciação das virtudes humanas.

«Eu sou home prá todas as versidade de serviço» — afirmava ele, definindo as suas raras qualidades morais. «Tanto pego no trabalho como cáio na brincadeira inté pegá o sol cum a mão». E, com uma risada que lhe punha à mostra a esplendida dentadura de canibal domesticado:

«Tambem, no brinquêdo não hai quem aguente o meu rojão»...

\*

Era doutor em quê, o mestre Zé Doutô? Onde lhe viera o sobrenome pomposo? Quando o conheci, na minha adolescência, procurei, curioso, averiguar o assunto. Seria «doutô» pela segurança com que fabricava carvão ou conduzia o «carro de boi» pelos atoleiros da mata ou da estrada de Cruz das Armas?

Mas não era não. Foi

fácil, entretanto, encontrar a procurada origem.

Uma noite, de Natal ou de S. João, não me recordo bem, a cabroeira de Mussuré dançava o côco no enorme copiar da casa grande. Dezenas de trabalhadores da terra, das propriedades próximas e até de Cruz das Armas entregavam-se a uma coreografia desenfreada, espiritada, sob o ardente estímulo do ritmo e da cachaca «de cabeça» que em profusão circulava. Um cabra, de voz poderosa, selvagem, entoava os solos. O coro, em uníssono, — um gostoso uníssono meio desafinado — erguia-se, em resposta, com a força sono-

ra livre e bruta de uma tempestade na mata. O suor alagava os corpos e uma catinga forte, mistura de pituim, aguardente e fumaça de cachimbo se alastrava por todo o copiar e se fazia sentir até pelo terreiro. As «embigadas» sucediam-se, entre negros e cabrochas excitados. Num círculo de duas a três léguas em redor, ouvia-se o bater possante do zabumba. Vários caracaxás espevitavam o batuque compassado e igual, secundando-o na sugestão rítmica da dança. E as palmas estalavam, aticando o fogo dos dançantes.

As batidas do bombo eram dadas pelas mãos de

um verdadeiro demônio. Procurei ver quem estava com o zabumba. Devia ser um senhor, um gênio, um rei do ritmo. Era Zé Doutô, o senhor do ritmo. Agarrado a um enorme zabumba, um despropósito de zabumba, ele batia, rebatia, marcava e remarcava o compasso do côco, num sincopado barbaro, num tantan como que imemorial que me fez arrepiar os cabelos e recuar o meu espírito a milhares de anos do passado, às cavernas do homem primitivo...

Ao findar de uma das partes, numa pausa para bebedeira, ouvi que davam bravos ao zabumbeiro insigne. Era um arretado, diziam. Na marrêta do bombo não tinha ninguém como ele, nem em Natal, nem mesmo em Pernambuco. Felicitou-se, também. Ele gostou dos elogios. Largou o zabumba e saiu para alguns instantes para tomar uma licada. E, voltando os terríveis dentes de canibal domesticado fez aliás muita justiça o seu auto-elogio:

«Minha gente, eu não aprendi nem o ABC. Nem negro não precisa disso. Mas no zabumba eu sou é doutô».

zabumba eu sou é doutô».

Eis a origem do sobrenome pomposo. Zé Doutô era o doutô do zabumba.

E o zabumba de Zé Doutô também tinha nome. Tinha fama, em toda parte. Chamava-se o «Rei de Ouro»...

\*

Essa noite, como muitas outras noites, eu as passei em Mussuré. Eu, um rapazola, na idade do namorinho sentimental e das noitadas à Álvares de Azevedo, deixava tudo que, neste gênero romântico, a cidade me podia facilitar e, aos sábados e dias festivos, me dava para aquelas bandas. E no grande alpendre familiar, sentado em um tamburête, eu escutava, deliciado, pela noite a dentro, o canto paganizante do côco. E, desse côco, Zé Doutô era o rei, batendo com mãos de gênio no couro espichado do seu



Desenho de MARIZ

## BRASIL E ESTADOS UNIDOS

«Rei de Ouro». Ao ritmo possesso daquele zabumba desabusado eu tomei um banho de Brasil que me ficou no sangue pela vida inteira.

Zé Doutô tinha aquele «diabo no corpo» que exigia Voltaire de quem quizesse fazer alguma coisa grande em Arte. Ele tocava bombo fora de si, em «estado de graça» ou de intuição artística, mesminho como Bach quando peregrinava pelos labirintos sonoros das «fugas», ou como Rodin, ao plasmar na meditação marmorea do seu «Homem que Pensa» toda a inútil ansiedade da imensa e eterna interrogação humana.

Depois, Mussuré passou à posse de outros senhores. Nunca mais fui por lá, tomar banho nos seus riachos, beber da sua aguardente «de cabeça», descobrir mundos desconhecidos no reino do vegetal da sua grande mata da «Cabeça do Negro». Nunca mais ouvi falar em Zé Doutô. Não sei que sumiço ele levou. Se morreu ou danou-se no mundo. Era um negro senvergonha e enxerido. Gostava de mexer com as negrinhas alheias. Nas rodas dos côcos, as mulatas se caíam todinhas para o lado dele. E ele, arrelampado pela cana, não queria saber se as bichinhas tinham dono. Era preto desgraçado. E' bem possível que até tenham medido, por essas safadesas, uma peixeirada na barriga dele. Bem feito, se foi isso que fizeram com aquele diabo. De qualquer maneira sumiu-se. Mas o zabumba grande «Rei de Ouro» nunca mais teve força para chamar o povo todo de três lóguas em redor, os caboclos e as cabrochas de Cruz das Armas, de Gramame, das Marés para o côco da casa grande de Mussuré.

Naturalmente, mataram o mestre Zé Doutô. Deram fim a ele. Se assim foi, queira Ogum recebê-lo em seu paraíso de nanquim, dando-lhe a vergonha e a mundo.

Merece bem essa corôa o gênio do zabumba.

O BRASIL e os Estados Unidos assinaram um convênio para a fortificação das relações culturais e maior intercâmbio de estudantes, professores e especialistas, entre os dois países. E' este o primeiro acôrdo bilateral, no terreno cultural, do que participam os Estados Unidos. A ideia germinou no ano passado, quando da visita do Presidente Dutra aos Estados Unidos. Ao término da estada do Presidente do Brasil, Truman e Dutra, numa declaração, expressaram o desejo de estabelecer um tratado «para que se fortificasse e estimulasse o atual intercâmbio cultural entre os países».

O convênio, planejado pelo Departamento de Estado e pela Embaixada do Brasil em Washington, foi assinado a 17 de Outubro de 1950, pelo Secretário de Estado Dean Acheson, pelos Estados Unidos, e pelo Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, sr. Maurício Nabuco.

Acheson citou o convênio como sendo «um instrumento para ampliar as cordiais relações há muito existentes entre o Brasil e os Estados Unidos. Acheson, numa declaração, disse que lhe era grato assinar um documento que concretizava a vontade expressa pelos Presidentes do Brasil e dos Estados Unidos, para maior relação cultural entre os dois países. Disse ainda que este primeiro convênio cultural bilateral já está frutificando, e, como exemplo da espécie de atividades que poderá promover, aí temos o Colloquium Luso-Brasileiro, iniciado a 18 de Outubro último, em Washington. A conferência reunirá estudiosos de diversos países para discussões sobre assuntos de mútuo interesse, no terreno das relações culturais das nações que falam o idioma português, em ambos os hemisférios. Ao terminar disse Acheson que tinha certeza de que o convênio traria um mais amplo sentido para a fortificação dos laços de amizade existentes entre o Brasil e os Estados Unidos.

Os 13 artigos do convênio abrangem as relações entre o Brasil e os Estados Unidos nos setores da arte, educação, viagens e o intercâmbio de livros. Ambos os países têm o direito de estabelecer e manter em seus territórios órgãos culturais, tais como institutos, escritórios de informação, bibliotecas e cinemas.

## EM DEFESA DA POESIA

### (CONCLUSÃO)

linguagem fantasiosa nem imagens!

Porém agora, é mais grave a «depuração» de que se trata. Digamos que é radical. Trata-se, nem mais nem menos, de eliminar na poesia — a própria intervenção original do poeta. Um motivo coletivo, uma linguagem tanto quanto possível impessoal, uma acessibilidade fácil à multidão, uma finalidade extra-literária, extra-poética, extra-humana no sentido de se limitar a só um dos diversos aspectos do humano, — não se vê facilmente que possam ser conseguidos sem sacrifício da ação individual do criador. E tal se nos afigura o ideal contemporâneo não só de certos teorizados.

res da poesia, como, até de certos poetas! Sacrificar, abafar tudo quanto no poeta é individual. Reduzi-lo ao nível comum — e pô-lo a falar como uma espécie de papagaio retórico. Poeta era principalmente um «Indivíduo», através de cuja individualidade a complexa humanidade se exprimia; ou se exprimia qualquer aspecto da complexa humanidade. O geral não nos era dado senão através do seu particular; pois que exprimir o homem geral, essencial, eterno, através do seu «eu» particular, circunstancial, transitório, — era, precisamente, dom do poeta. Assim a sua frente naturalmente se erguia acima do nível comum. Nem por isso

o comum dos homens lhe queriam mal! Antes se lhe mostravam gratos por ele não só exprimir, como descobrir e até inventar, o que ainda não estava descoberto, nem inventado, nem expresso.

Porém agora, trata-se de achatar na alta fronte quaisquer centímetros que excedam o nível comum. Não queremos gigantes! Não queremos ninguém maior! Não queremos quem sejam diferente de nós, o vulgo. Queremos mas é quem lisongeie a nossa mediocridade. Eis a radical «depuração» que uma onda de ressentimento, subindo lá não se sabe de que primitivas feridas ou impotências, parece exigir a poesia...

Ora, poesia sem contagem de sílabas; sem disposição de acentos; sem o encanto das rimas; sem uma regular elaboração de ritmo; sem escolha de motivos; sem uso de imagens; sem requintes de linguagem; — sem nada de quanto para uns poetas será substancial, mas para outros não passará de acessório — sim, é admissível! admitamo-la! Será, porém, admissível (isto é: concebível) uma poesia sem aquelas individualizadas e poéticas? uma criação sem indivíduo criador?

### POSICÃO DE DALÍ

(Conclusão da pág. 7)

através da sua vida, mais ou menos imaginária ou imaginária.

Nós, que somos neutros na acendrada polémica entre dalianos e anti-dalianos, nos nos contentamos que a autobiografia de Dalí sirva para que uns e outros o público através deles (e do livro) fiquem sabendo, afinal, que Salvador Dalí é um pintor espanhol, lissimo e cidadão espanhol e não norte-americano, conforme alguns afirmam ou francês como garantem outros que pretendem converter o nosso artista, como fizeram com seu antagonista Pablo Ruiz Picasso, o espanhol afrancesado e comunista.

## DIÁRIO DE LEITURA

HAMILTON PEQUENO

**XVI** — O DRAMA de Nietzsche num fragmento de carta, onde apontam indícios já demasiadamente evidente da perturbação mental em que se encontrava: Quando me deixam pensar no que desejo, procuro palavras para melodias íntimas, e melodias para palavras íntimas. Afinal ao juntar as duas coisas, minhas, vejo que não se harmonizam, a despeito de serem produtos da mesma alma. Enfim, é este o meu destino. (1)

**XVII** — RECEBO do sr. Alvaro de Carvalho um volume editado há anos atrás (2), que é um sumário dos acontecimentos políticos responsáveis pela agitação que dominou a Paraíba de 1930. Observo a serenidade com que o sr. Alvaro de Carvalho relata todos os fatos e apresenta o seu precioso documentário; a superioridade com que se coloca acima das acusações injustas e das intrigas de que foi vítima. Ele nos expõe sem rancores nem ressentimentos o papel que desempenhou à frente do Governo de seu Estado, justificando a conduta e a atitude assumidas naquele período de paixões desordenadas. Antes de tudo, revela o sr. Alvaro de Carvalho, através desse valioso depoimento, uma integridade de caráter que inspira admiração e respeito, e uma formação moral que o coloca num plano bem diverso daquele em que muitos personagens da farsa revolucionária ainda se encontram. É admirável como a ambição e o fanatismo político podem intoxicar as criaturas, ao ponto de lavá-las às mais torpes indigidades. Forjam calúnias, deturpam os fatos e escondem a verdade. Isso pude verificar durante a leitura de «Nas vésperas da revolução», ao encontrar a explicação de inúmeras ocorrências e a origem de muita coisa que permanecia obscura. E o que mais me

impressionou, nessa síntese do sr. Alvaro de Carvalho, é que ele não se levanta para acusar ninguém, dispondo-se apenas a apresentar, quase sem comentários, tudo o que se passou então. Seu propósito é somente restabelecer a verdade, não se afastando nunca desses limites. Um livro que merece ser lido, pela sinceridade com que foi escrito e sobretudo pelo valor histórico que possui. Ele nos põe em contacto com um homem portador de virtudes que se tornam raras no momento atual.

**XVIII** — DE UM caderno de notas: André Gide recomenda no «Journal» a leitura repetida dos

seus livros, quando permanecer qualquer dúvida sobre o sentido e as intenções dos mesmos. Não seria essa uma recomendação bastante audaciosa, pronunciada por um escritor? Gide talvez desejasse revelar a confiança que possui na sua obra, submetendo-a a esse teste perigoso que é o da renovação de leitura.

**XIX** — O QUE prejudica seriamente certas biografias é o exagero com que são encarados os tipos cujas vidas são retratadas. A exaltação desmedida, a tendência para a apologia, são erros comuns. A figura humana é colocada numa posição bem diversa daquela em que deve

rá encontrar-se, nos seus transe mais íntimos, o que constitui uma falsificação. A biografia não deve fugir à fidelidade aos fatos, nem representar o que com certeza não aconteceu. Já não é mais possível acreditar que todas as crianças sejam prematuras, nem que a maioria das vidas sirvam como modelos de honestidade e para dignas de virtudes morais. No meu entender, o biógrafo deve refletir a verdade, não fugindo ao lado humano das criaturas; ele deverá, também, saber conter a sua admiração e identidades temperamentais, que poderão modificar o caráter da personagem estudada, e evitar que a imaginação venha perturbar a normalidade dos acontecimentos, introduzindo incidentes desnecessários e criando situações que beiram muitas vezes o ridículo.

**XX** — PIERRE Louys e o encantamento das «Canções». A beleza estranha e sempre nova dos seus poemas. Ele possui aquela limpidez de linguagem, aquela clareza diáfana dos helenos. Eros domina o esplendor das suas evocações que revivem o passado da Grécia pagã:

«Adormeci, cansada de chorar, só e tremula como uma perdiz entre as urzes. Em torno de mim, a doçura da noite, o murmúrio da água, o vento manso..»

Minha imprudência custou-me cara. Muito alto ia a lua, despertei gritando, lutando desesperadamente; porém tudo foi inútil. Afinal, que poderia fazer as minhas mãos?

Já não se separava de mim. Ao contrário: abraçou-me mais ternamente, unindo-me ao seu corpo, e não vi mais as árvores nem o céu, apenas o cintilar das suas pupilas.

Oh, Kypris vitorioso! aceita esta oferenda úmida ainda do orvalho, em prova de minhas dores de virgem, testemunho do meu sonho e de minha resistência. (3)



## NEM AVE NEM MITO

CELSE OTAVIO NOVAIS

**Q**UANDO te lembro  
Te preciso  
Que teus olhos me amanheçam  
E me fitem  
Madrugadoramente  
(Ha pedaços de poemas  
Dispersos — ao nosso alcance)  
Marco encontro com meus sonhos  
Faz de conta que amamos  
E minha ternura acontece

A flor o verso desbotam  
Do outro lado do mar  
Se atravessam a esquina  
Ciosos não dizem nada  
Não exigem piedade  
Silencio mora na boca  
Desta vã preparação  
Para este vão sofrimento

A flor o verso e o mar

**XXI — UM FENOMENO** que observo em Dickens, e que se repetiu em Eça de Queiroz. Uriah Heep e o Conde de Abranhos são duas personagens que se caracterizam pelo exagero com que foram criadas. Tanto Dickens como Eça procuraram marcar com o ridículo aqueles dois tipos, que vão crescendo em maldade, ao longo da narrativa. Uriah Heep é um repositório de baixezas e indignidades, um caráter ruim como poucos podem possuir. A humildade e o servilismo servem-lhe de caminhos para satisfazer as suas torpes ambições. Através de adulações e manhosas trapagens, vai conseguindo atingir os seus fins. E cada vez torna-se mais viscoso, escorregadio e ousado. Lembra Abranhos nos seus golpes de audácia. Mas Abranhos era um homem culto, tão culto quanto pôde ser um político de nome nacional, adulado e lisongeado pela propaganda eleitoreira. Com a calva espelhante, ele apresentava-se diante dos esperanças e ingenuos trabalhadores, impressionando-os com a austeridade das suas atitudes, com a severidade dos seus gestos. Abranhos é uma glória viva que caminha pelas ruas, apontado a dedo, muito sério e muito digno, por que sempre preocupado com o bem da pátria, que era, à força de tanta preocupação, o seu próprio. Há pontos de contacto entre estas duas figuras de ficção, sobretudo no carácter. Tenho a impressão de que Abranhos e Uriah Heep consubstanciavam, em suas personalidades, a aversão de Dickens e Eça de Queiroz por determinada espécie de pessoas. Daí, talvez, o modo impiedoso com que são tratadas.

**XXII — UM PROBLEMA** que poderia ser melhor estudado, por parte dos editores brasileiros, é esse que se refere às traduções. Ao contrário do que vem acontecendo com muita frequência, as versões de obras estranhas ao nosso público leitor, somente deveriam ser confiadas àquelas que possuíssem qualida-

des necessárias para tanto. Um escritor que vem sofrendo duros revezes, em consequência dessa ausência de critério editorial é o russo Dostoiévski. Existe mesmo quem o tenha vertido com brasileirismos e expressões de gíria carioca, o que é deplorável. É de extranhar que tudo isso venha acontecendo em silêncio, sem que ninguém apareça para defender o patrimônio sagrado das obras universais.

- (1) — Nietzsche — DESPOJOS DE UMA TRAGÉDIA — pág. 34 — Tradução de Ferreira da Costa — Editora Educação Nacional, Ltda. — Porto — 1944.
- (2) — Alvaro de Carvalho — NAS VESPERAS DA REVOLUÇÃO — São Paulo — 1932.
- (3) — Pierre Louys — LAS CANCIONES DE BILITIS — Edição argentina — 1942.

## RECORDANDO A MORTE DE AUGUSTO DOS ANJOS

(CONCLUSÃO)

seus primeiros estudos no Liceu de sua terra natal, bacharelou-se em ciências jurídicas na Faculdade do Recife, em 1906. Era filho do Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos e da Sra. Cordola Carvalho dos Anjos. Depois de formado, dedicou-se ao magisterio, lecionando literatura no Liceu Pernambucano. Transferindo o seu domicílio para o Rio de Janeiro, lecionou Geografia na Escola Nor-

mal e no Ginásio Nacional, interinamente. Em Leopoldina, não só dirigia o grupo escolar, como lecionava particularmente matérias do curso de humanidades.

Deixou viúva a Sra. Esther Fialho Rodrigues e dois filhos: Gloria, com três anos de idade, e Guilherme com um ano e meio — esse Guilherme em que hoje Afrânio Peixoto vê um continuador da bizarrice estética do pai.

## POESIA NOVA

### PONTEANDO

(CONCLUSÃO)

maneira mais simples, sem o estouro do silêncio que faz renascer. A intenção de uma possível plasticidade, cede campo, quase sempre, ao mesmismo da própria intenção primeira. Penso que este poeta não desejou partir jamais, nisso consistindo a sua dúvida elementar e a irresponsabilidade do seu canto forçadamente torturado.

A estréia de Manuel da Cunha Pereira vem reafirmar a desigualdade dessa coleção «Novíssimos» do citado Clube de Poesia. A importância poética de um Cyro Pimentel e de um Haroldo de Campos não foi ainda acrescentado qualquer livro que merecesse da crí-

tica um mais detalhado comentário...

(1) O lugar comum, neste pequeno livro de menos de quarenta páginas, perambula numa insistência que faz lembrar a de um Martins Fontes. Encontramos coisas desse naipe: «Estesia da Morte!»; «Nervos em tortura»; «ansia cruciante»; «fria ampulheta»; «triste é a noite»; «dor em meu peito»; «ondas revoltas»; «labios mordidos»; «música em surdina»; «distantes violinos»; «dúbias interrogações»; sem insistirmos na rima de mau-gosto, como «enlaçar» com «luar». Há, em «Rosa Neutra», o aproveitamento de um certo

«aspecto» poético pertencente a um Cyro Pimentel, por exemplo. Senão vejamos: «pétalas se renovam, florescendo claridade» (trata-se aqui, de uma sintaxe idêntica); «num bosque sem luzes dançando» (especificação prosódica de uma preocupação de «baile», constante em Cyro Pimentel, como todos já sabemos), etc., etc.

(2) V. em Charles Baudouin, «Psicoanálisis del Arte» (tradução argentina datada de 1946), o que transcrevo e o que se segue (sobre o papel do símbolo na obra de arte): «En tanto que las imágenes de los complejos personales son ellas mismas personales, indecifrables para los demás — si no es por el psicoanálisis — los símbolos de lo inconsciente colectivo, por el contrario, forman un verdadero lenguaje. En su momento podremos recurrir legítimamente a la explicación bosquejada hace un instante, y que consista en suponer una identidad entre las imágenes de la obra, imágenes existentes en estado latente en el espíritu del contemplador. Dicho de outro modo: hay una comunicación inconsciente entre éste y el creador. Pero tal comunicación se realiza por los complejos primitivos y no por los complejos personales, por lo inconsciente colectivo y no por lo subconsciente. Esta comunicación será tanto más estrecha quanto los símbolos de la obra más se hundan en esse vasto fondo humano de donde surgieron los mitos» (pág. 238 e seguintes).

(«Jornal de Notícias» — S. Paulo, 8.10.1950).

FULGENCIO

(Cont. da pág4)

prendido aquilo? Presumo que se trate de expressões que foram trazidas pelos colonizadores e se conservaram na linguagem dos roceiros.

Na v. pera, Fulgêncio já tinha saído com outra frase destas, possivelmente fossilizada na região. Havíamos-lhe dito que tiveram prazer em conhecê-lo.

— «Reconheço e tenho por certo», respondeu, muito solene.

# V A R I A S

## «OS QUE VENCERAM O MAR»

ESTE é o título de uma conferência que o escritor Silvino Lopes pronunciou no salão nobre do «Clube Português de Literatura», por ocasião das recentes comemorações do «Dia da Raça», verificadas na cidade do Recife.

Fugindo ao convencionalismo de certas conferências, que constituem verdadeiros remédios para a insônia oriundas de bocejos e de cochilos a conferência do jornalista contrarâneo conseguiu prender a atenção da numerosa assistência que ali compareceu.

Escrito num estilo claro, conciso e bastante pessoal, o trabalho do conhecido homem de letras foi objeto de muitos elogios, refletindo toda a «verve» toda a suave ironia de um espírito sem protocolos e sem falso eruditismo.

A propósito, temos em mãos essa conferência, agora editada em «plaquete», graças à Folha da Manhã, daquela cidade.

Embora pequeno no seu conteúdo, o trabalho de Silvino Lopes proporciona-nos uma agradável leitura e constitui um verdadeiro poema a Camões.

## PREMIADO O ESCRITOR ABELARDO DUARTE

Ha poucos dias, registamos, nestas mesmas colunas, o aparecimento de «LADISLAU NETTO», excelente biografia do grande cientista brasileiro, de autoria do escritor alagoano Abelardo Duarte. Folgamos, hoje, em noticiar o galardão que lhe deu a Academia Alagoana de Letras, por unanimidade de seus pares, concedendo-lhe o Prêmio Othon Bezerra de Melo, deste ano.



## «HISTORIA GERAL DO BRASIL»

POUCAS obras históricas a poucos autores, atingiram entre nós — embora seja o nosso um país de História não dilatada — a culminância desta «História Geral do Brasil», de Yarnhagen.

Silvio Romero, de resto tão comedido em referências elogiosas, não titubeou em considerar o visconde de Porto Seguro, como o maior dos nossos historiadores. E a opinião vem sendo unânime em torno do ilustrado escritor paulista. Sóbrio, pertinaz, profundamente documentado nas suas mais simples afirmativas, produziu obra destinada à posteridade, no que se refere à nossa História da Descoberta à Independência.

Esta série de cinco tomos com que as Edições Melhoramentos fizeram auspicioso presente à cultura brasileira, não é formada por livros inspirados em outros compêndios, mas sim em livros que inspiram dezenas de outros. Tudo é sólido, profundo, admirável de concisão, clareza e correção.

A revisão e as notas de cada um dos cinco tomos, foram confiados pela editora aos nomes respeitáveis de dois illustres historiadores contemporâneos Rodolfo Garcia e Capistrano de Abreu, figuras que por si só autenticam de modo incontestado o valor da obra.

Pouco há que falar da apresentação material dos cinco volumes. Basta dizer que as Edições Melhoramentos se esmeraram por produzir ali o melhor de sua longa experiência. As ilustrações também são muitas, originais, valiosas. Encadernado em pano, formato cômodo, toda a coleção faz jus ao prestígio que desfruta incondicionalmente.



## Augusto dos Anjos, um martir...

### (CONCLUSÃO)

nossa única porta para o infinito. A vida não é pura contingência; há nela uma essência de eternidade, que não pode ser esquecida, sob pena de tirar-se-lhe todo sentido e valor. Para abraçá-la na plenitude de suas dimensões, é necessário descortiná-la do alto, da estratosfera do espírito; é necessário senti-la antes de compreendê-la e mesmo sem esperança de jamais compreendê-la.

Augusto foi um martir da inteligência. O demônio interior não o impeliu ao suicídio, como a Kleist, não o afundou na loucura, como a Nietzsche — contentou-se em atear-lhe o incêndio na alma e deixá-lo arder em vida, como uma tocha. Ardêdo com a rutilância de um sol no poente, e a sua agonia esplende alta nos céus, transfigurada como um halo de luz eterna nos cimos da poesia.

## ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

### O SNOVOS ACADEMICOS — OS PATRONOS

A ACADEMIA Paraibana de Letras, reunida a 4 do corrente, em Assembleia Geral, procedeu à eleição de novos membros, dentre figuras de relêvo da intelectualidade contrarânea, para o preenchimento de algumas vagas de seu quadro efetivo.

A reunião teve lugar no salão magno daquela instituição cultural, sob a presidência do acadêmico Oscar de Castro, procedendo-se ao escrutínio dos nomes indicados à Assembléia Geral pela Diretoria da A. P. L. A apuração, verificou-se a eleição dos srs. Antonio Botto de Menezes, jornalista e advogado neste Estado; padre Luiz Gonzaga de Oliveira, latinista, residente nesta capital; Ivan Bichara Sobreira, jornalista, advogado e parlamentar contrarâneo; Francisco Seraphico da Nóbrega, advogado e escritor.

Os novos acadêmicos escolheram para seus patronos os nomes de Elizeu Cezar, Gama e Melo, Aristides Lobo e Joaquim Silva, respectivamente dos srs. Francisco Seraphico da Nóbrega, Antonio Botto de Menezes, Ivan Bichara Sobreira e padre Luiz Gonzaga de Oliveira.

A posse dos novos membros da Academia Paraibana de Letras terá lugar no próximo ano, em datas previamente determinadas, obedecendo à seguinte ordem: padre Luiz Gonzaga de Oliveira, drs. Antonio Botto de Menezes, Ivan Bichara Sobreira e Francisco Seraphico da Nóbrega.



## GENTE NOVA E VELHOS TEMAS

HILTON MARINHO

A Província, que nunca sabe perdoar os sucessos financeiros, económicos, políticos ou sociais dos seus filhos, recebe sempre, com indisfarçado orgulho e prazer, as manifestações vitoriosas do engenho dos seus rebentos no campo da Literatura ou da Arte. Os novos homens de letras, novos e antigos, que muito embora não sejam exclusivamente homens de letras sentem-se felizmente, livres dos olhos gulosos de algum vizinho ou colega a invejar-lhes as «batatas» adquiridas não com pouco esforço e muito amor a profissão. Louvemos pois, esta virtude indígena, atestado de bom comportamento da nossa modesta coletividade.

Com prazer, registamos agora o enriquecimento da prataria da casa, com a publicação do livro do jovem intelectual conterrâneo Juarez Batista, espécie de menino buliçoso, que com muito talento e alguma irreverência, anda pelas páginas dos nossos jornais a salpicar um pouco de sal e pimenta nas barbas desta nossa andrajosa e pedinchona civilização. Na realidade, este Gama e Melo que a maneira de um Quixote nordestino anda a cavalgar os espinhaços pouco confortáveis de um romântico Rocinante, libertou-se, e com sucesso, dos temas regionais e voou alto. Podemos mesmo dizer, que esfregou com mão firme, a poeira acumulada nas estatuas tabús de alguns assuntos, privativos dos encanecidos intelectuais de outrora. Quebrou as barreiras erguidas pela tradição em torno de certos temas e colheu os louros de um merecido triunfo.

Na realidade, o que ocorre com a chamada «gente nova», é um fenómeno uni-

versal de amadurecimento prematuro. As novas gerações aprendem em dias, o que outrora se conseguia em anos. Vive-se hoje muito intensamente, talvez até em demasia. A gente moça

despiu o camisolão medieval da inexperiência, acompanhou de perto, talvez como vanguardeira, a evolução dos costumes e ajudou a derrubar as muralhas de Jericó da Arte e da

Literatura. Podemos dizer que são os sinais dos tempos, que mudaram, e nós neles. O legionário medieval, que de lança em riste e protegido tão somente pelo elmo de madeira revestido de placas de bronze, levava as terras do Sultão os estandartes da Cristandade, fugiu em desabalada carreira ao deflagrar o primeiro tiro de uma primitiva espingarda; e as tropeladas heroicas das cavalaria, cobertas de poeira e de glória, de Waterloo a Balaklava, cessaram, dizimadas pelos «tanks» de guerra do senhor Adolfo Hitler, com glória nã. Em poeira, nas planícies geladas da Polónia. A evolução atingiu a tudo e a todos, e mesmo as gaivotas, nascidas agora nas torres dos porta-aviões, não voam mais sobre a superfície dos mares, inocentes dos grandes segredos do reino de Netuno. Elas ouviram, na calada das noites, as conversas dos marujos, que não mais falavam de saques de brigues ou abordagens em bergantis, mas sim, da desintegração do átomo, do massacre de Hiroshima, e sonolentas aprenderam que o mundo havia mudado.

As histórias do Juarez Batista, que também são do «Arco da Velha», tratam de coisas sérias, de temas antigos, doados agora de um pouco de mocidade e alente irreverência. Ele nos afirma em seu livro que sabe de muitas outras histórias, só do conhecimento de Lígia, e que avaramente guarda para uso próprio. Pensamos aqui o nosso apelo para que continue irreverente e romântico, a publicar as suas histórias, que tornadas públicas passarão a ser nossas, dos seus amigos, de sua gente.



O túmulo de Augusto dos Anjos tal qual foi construído há trinta anos.